

**AS IDENTIDADES DE JOÃO GABRIEL BAPTISTA: APONTAMENTOS PARA
UMA BIOGRAFIA DE UM INTELLECTUAL PIAUIENSE (1920 – 2010)**

Marcus Pierre de Carvalho Baptista¹

Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.
marcus_pierre@hotmail.com

Francisco de Assis de Sousa Nascimento²

Professor do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – UFPI.
franciscoufpi@gmail.com

RESUMO

Literato? Engenheiro Civil? Geógrafo? Historiador? Professor? Afinal de contas, quem foi João Gabriel Baptista? Qual sua importância para a Engenharia, Geografia, História e Literatura do Piauí? Quais identidades o compunham enquanto sujeito e quais lhe eram atribuídas por terceiros? Face às considerações de Bauman (2005), Hall (2006) e Woodward (2014) compreendemos a Identidade enquanto algo fluído, que se transforma à medida que o tempo passa e que estabelecemos conexões com outras pessoas e com outros lugares, jamais sendo estática, mas sim dinâmica. Além disso, as constantes interlocuções entre o “Eu” e o “Outro”, indicam que a Identidade do sujeito não é apenas o que este pensa de si, mas também a partir da percepção do “Outro”. A luz de Bourdieu (1998) e Loriga (2011), no que se refere à Biografia, compreendemos também que as tessituras da vida de um determinado sujeito não se trata de algo pré-estabelecido, coerente e conciso, mas que, geralmente, é na construção das narrativas biográficas que, muitas vezes, o autor busca dar sentido a esta vida, tornando-a inteligível e cronológica. Assim, o sujeito deste estudo, João Gabriel Baptista, nasceu em 4 de agosto de 1920 em Teresina, Piauí. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia em 1946. Em 1951 se tornou professor Catedrático em Geografia no Colégio Estadual Zacarias de Góis até 1982 e professor de Geografia da Universidade Federal do Piauí de 1971 a 1991. Foi Secretário de Estado de Obras Públicas de 1956 a 1959, membro da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí até o ano de seu falecimento em 2010. Escreveu diversos livros nunca publicados de Literatura, totalizando 13 romances e 24 contos, de 1939 até 1970. Escreveu ainda 7 livros relacionados a Geografia e História do Piauí. Deste modo, esta pesquisa tem por objetivo indicar as diferentes Identidades construídas e atribuídas a João Gabriel Baptista no decorrer de sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica. A metodologia constou de pesquisa

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI (2016). Especialista em História Sócio-Cultural pela Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP (2017). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI (2019). Membro dos grupos de pesquisa “Núcleo de Estudos sobre a Zona Costeira do Estado do Piauí – NEZCPI”/UESPI e “História Política, Teatro e Música” – UFPI.

² Professor Associado I da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Possui Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Mestrado em História do Brasil pela UFPI, Especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Graduação em História pela UESPI, Graduação em Pedagogia pela UFPI. Líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq “História Política, Teatro e Música”.

bibliográfica, documental e realização de entrevistas pelo método da História Oral com os filhos do sujeito desta investigação. Utilizou-se como fontes os textos científicos e literários do autor, as entrevistas produzidas com seus filhos e documentos de sua vida pessoal e profissional. Aponta-se que várias identidades foram construídas pelo sujeito, como: Engenheiro, Cartógrafo, Geógrafo, Historiador e Professor. Evidencia-se a de Professor, considerada por ele em função de sua carreira consolidada, a que mais o representava, bem como pela sociedade que, ao fim de sua vida, o percebia enquanto “Professor João Gabriel Baptista”. Destaca-se ainda que, apesar de sua produção literária, jamais se identificou enquanto Literato.

Palavras-Chave: Identidade. Biografia e História. Piauí.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1978, João Gabriel Baptista, alguns anos após a publicação de Geografia Física do Piauí (1975), tornou-se membro da Academia Piauiense de Letras (APL). Sobre a ocasião de sua entrada na referida casa, em entrevista concedida em 1989 ao jornal O DIA, disse o seguinte: “Esse foi um dos maiores momentos de minha vida. Era um fato a entrada de um pesquisador na APL, ocupando a cadeira de um literato, como ocorreu com outros dois: Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e Petrarca Rocha Sá, ambos engenheiros civis, [...]” (BAPTISTA, 1989, p.1). Dessa forma, João Gabriel Baptista comentava sobre a relevância e importância, tanto pessoal como também acadêmica e social, acerca de seu ingresso na APL em 1978.

Sua entrada, no entanto, assim como a de outros dois acadêmicos citados por João Gabriel Baptista, como o próprio destaca, ocorreu não em função de suas publicações ou contribuições no campo da Literatura, mas sim em reconhecimento pelos acadêmicos da APL de sua atuação enquanto um pesquisador na área de Geografia, ocupando, então, a cadeira de um literato.

Desta forma, a APL, surgida no ano de 1917 (MOURA, 2013b), através da vontade dos intelectuais piauienses da época de integrarem-se ao movimento cultural que ocorria em outros estados brasileiros, bem como divulgarem a produção literária local, além de dialogarem sobre as manifestações culturais feitas pelos letrados brasileiros (MOURA, 2013a), na segunda metade do século XX deixava de incluir entre seus sócios apenas literatos, dando reconhecimento também a pesquisadores que contribuíssem com outros aspectos para o estado piauiense.

Neste sentido, questiona-se, o que faz de alguém um Literato? O simples ato de escrever? A necessidade de compartilhar com outros seus sentimentos, medos, angústias, sonhos e esperanças através das narrativas literárias? Ou seria o reconhecimento social dado ao sujeito através dos pares? O “ser” literato, ou seja a construção desta Identidade, trata-se de um processo interno ou externo ao sujeito? E, no caso específico de João Gabriel Baptista, por que este não se identificava enquanto um Literato, mas sim como um Professor/Pesquisador?

Assim, o objetivo deste artigo foi compreender o processo de construção das Identidades de Professor/Pesquisador por João Gabriel Baptista em detrimento a uma Identidade enquanto Literato.

Os procedimentos metodológicos utilizados e que possibilitaram a elaboração do artigo foram a pesquisa bibliográfica, utilizando-se do pensamento de Bauman (2005), Hall (2006) e Woodward (2014) para operacionalizar o conceito de Identidade e Diferença, e Bourdieu (1998) e Loriga (2011) no que se refere a discussão de Biografia Histórica. Lang; Campos e Demartini (1998), Meihy e Holanda (2007) e Chizzotti (2011) por sua vez, auxiliaram no emprego do método da História Oral, para a realização de entrevistas com os filhos de João Gabriel Baptista. Realizou-se também pesquisa documental, principalmente nos jornais “Folha do Nordeste” (1962/1963) e “O DIA” (1966/1989).

Desta maneira, a pesquisa realizada buscou refletir sobre as relações existentes entre Identidade e Diferença considerando a elaboração de Biografias, analisando na sequência a construção das Identidades de Professor/Pesquisador de João Gabriel Baptista, tendo em vista a relevância que o ingresso na APL em 1978 teve neste processo e, por fim, apontar as possibilidades do porquê o sujeito desta pesquisa jamais se identificou enquanto um Literato, tratando, assim, de um dentre os aspectos possíveis e que compõem as trajetórias de vida e a biografia de um indivíduo.

“NUNCA É, SEMPRE ESTÁ”: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADES, DIFERENÇA E BIOGRAFIA

No entanto, antes de discutir sobre as Identidades de João Gabriel Baptista, faz-se necessário uma breve discussão sobre a perspectiva que estamos utilizando acerca de Identidade e como esta existe a partir do estabelecimento de uma relação dialógica com a

Diferença, para que seja possível, então, analisar a construção das Identidades de Professor/Pesquisador em detrimento a de Literato em João Gabriel Baptista.

A partir da perspectiva de Bauman (2005), Hall (2006) e Woodward (2014) e das discussões e novas percepções sobre as questões identitárias considerando a Modernidade tardia/Pós-Modernidade, entendemos a Identidade enquanto fluída, descentrada, existindo não apenas uma única Identidade no sujeito, mas sim várias.

Neste momento histórico há uma fragmentação do sujeito e uma percepção da Identidade enquanto múltipla. O sujeito tem, em si, várias identidades que o compõem, sendo impossível a definição de todas. Temos, então, o “[...] descentramento final do sujeito cartesiano” (HALL, 2006, p.34), a sua compreensão enquanto plural, no sentido de entender que este sujeito nunca é, mas sim, sempre está.

Para Hall (2006) esse descentramento pode ser compreendido a partir de cinco aspectos conceituais: a reinterpretação de Karl Marx no século XX, a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, o trabalho da linguística estrutural a partir da figura de Ferdinand de Saussure, o pensamento de Michel Foucault e o impacto do feminismo no pensamento teórico e nos movimentos sociais. Esses aspectos e as mudanças conceituais provenientes destes possibilitou, segundo Hall (2006), a percepção do sujeito descentrado, possuidor de identidades múltiplas, fragmentado e que nunca é, sempre está.

Nesse sentido, Bauman (2005), Hall (2006), Woodward (2014) e Silva (2014) apontam como a Globalização, enquanto produtora de uma cultura globalizada ou homogeneizada, e de identidades de resistência a esta última, de uma hibridização cultural e de diásporas culturais, levam ao sujeito o questionamento de “quem eu sou?” possibilitando a indagação de que não é apenas um, mas vários e também de que não se trata de “ser”, mas sim de “estar”.

Além disso, para Bauman (2005), a dúvida do sujeito sobre si é fundamental para o questionamento da Identidade enquanto única e cristalizada e o sujeito, nesse momento histórico, torna-se aquilo que o autor nomeia de um quebra-cabeça incompleto, sendo impossível saber ao certo quantas peças, frutos da experiência deste personagem, serão necessárias para compor sua Identidade, e nem ao menos se seria possível saber qual ou quais imagens serão formadas.

A Identidade, então, não é singular e, além disso, não é natural, mas sim uma invenção, uma construção. Ela, assim como o pertencimento

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p.17)

Considerando, então, que falar de Identidade envolve a compreensão de que esta é plural, é preciso ter em mente também e que não existe sem a Diferença, entendendo então que há uma interdependência entre Identidade e Diferença, o que ocasiona a impossibilidade da existência de um sem o outro.

Assim, Identidade e Diferença são relacionais, são frutos de uma relação binária, conforme nos diz Woodward (2014), pois, ao dizermos quem somos também estamos dizendo o que não somos. Tomemos como exemplo o brasileiro. O brasileiro só é brasileiro porque não é argentino, chileno, paraguaio e assim sucessivamente.

A Identidade, enquanto uma expressão, é uma afirmação de Diferença. É um discurso sobre si que só existe em função dos “Outros” que são diferentes do “Eu”. Entendemos, então, que a Identidade tem sua existência vinculada e em virtude da Diferença. Da mesma maneira que a Diferença só possui significado quando compreendida a partir das afirmações sobre Identidade (SILVA, 2014).

Refletir sobre as maneiras como as Identidades são construídas e reconstruídas ao longo do tempo pelos sujeitos é um, dentre muitos aspectos, que compõem a vida humana e que podem ser utilizados para se pensar a biografia de um indivíduo.

É preciso indicar, ainda, que escrever a história de vida ou a biografia de um sujeito exige um cuidado meticoloso, evitando seguir por certos caminhos problemáticos ou que podem levar a interpretações equivocadas. A partir da perspectiva de Bourdieu (1998) entendemos que tentar construir e compreender a Biografia³ de certo personagem significa a percepção de que a sua vida não se trata apenas de eventos sucessivos e cronologicamente

³ Deve-se apontar ainda a partir de Loriga (2011) que não existe uma maneira “correta” de se escrever uma biografia histórica, compreendendo que, ao longo dos séculos, diferentes formas e estilos narrativos foram utilizados para a elaboração de biografias.

organizados com um fim pré-determinado, ou seja, “[...] os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social [...] O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou [...]” (BOURDIEU, 1998, p.190)

Não obstante isso, ao se considerar a biografia de um sujeito, é preciso pensar, então, sobre este considerando os espaços em que se inseriu e transitou, os tempos que atravessaram sua existência, os grupos que o influenciaram, as Identidades projetadas, construídas e assumidas sobre si, os conhecimentos adquiridos e as sensibilidades produzidas, dentre muitos outros elementos que compõem o devir humano.

Desta forma, a reflexão sobre as Identidades e as não Identidades construídas/projetadas por/em João Gabriel Baptista só é possível a partir da compreensão dos contextos históricos, culturais e sociais ao qual este esteve inserido, indicando ainda que esta discussão é apenas uma das possíveis considerando as diferentes facetas e aspectos que compõem a trajetória não apenas deste sujeito, mas da vida humana em geral.

“O GIZ, A PRANCHETA, OS MAPAS E AS PENAS”: JOÃO GABRIEL BAPTISTA ENTRE A DOCÊNCIA/PESQUISA E A LITERATURA

Vimos, então, a complexidade e os problemas que existem ao se refletir sobre as trajetórias de vida, bem como sobre as maneiras por meio das quais as Identidades são construídas pelos sujeitos. Destarte, como escrever sobre João Gabriel Baptista? Devemos indicar “quem ele foi”? O que “ele fez”? A vida, conforme já ressaltado, é muito mais complexa do que apenas a profissão que exercemos ou as coisas que realizamos, embora constantemente sejamos reduzidos a isso ao se narrar a trajetória de indivíduos.

João Gabriel Baptista, acima de tudo, foi um homem, irmão, filho, esposo, pai de sete irmãos, amigo de muitos outros. Como disse Maria do Socoro Baptista Barbosa⁴ em entrevista concedida: “[...] Bom, ele era meu pai, acima de tudo, ele é meu pai.” (BARBOSA, 2019). Se faz necessário explicitar isso para que apontemos que, embora nossa intenção neste

⁴ Nascida em 13 de setembro de 1958, é a quinta filha de João Gabriel Baptista. Graduada em Licenciatura Plena em Português e Inglês pela Universidade Federal do Piauí (1982). Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Foi professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí até dezembro de 2017, quando se aposentou.

artigo seja discutir sobre as Identidades de João Gabriel Baptista, de forma alguma o reduzimos a apenas isso, entendendo-o, pelo contrário, enquanto um sujeito múltiplo.

Desta maneira, inicialmente cabe dizer que João Gabriel Baptista faleceu em 20 de março de 2010 aos 89 anos de idade, vítima de insuficiência respiratória, em decorrência do mal de Alzheimer, que o acometeu nos anos finais de sua vida. No ano seguinte, recebeu uma homenagem com a denominação de uma rua com seu nome, em Teresina, a rua “Professor João Gabriel Baptista”, situada na região Leste da capital piauiense onde morava, imortalizando-o não apenas enquanto um dentre muitos sujeitos que tiveram relevância na história do Piauí e de Teresina, mas também enquanto um Professor.

E por que isso? Por que o imortalizar enquanto “Professor”? Trata-se de uma Identidade construída por João Gabriel Baptista ao longo de sua vida ou projetada sobre este? E por que escolhê-la dentre todas as outras que o compuseram? A partir disso, iniciamos nossos questionamentos e buscamos compreender as Identidades construídas por João Gabriel Baptista.

João Gabriel Baptista nasceu em 4 de agosto de 1920 em Teresina. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia em 1946 e, em 1951, se tornou professor Catedrático em Geografia no Colégio Estadual Zacarias de Góis, o Liceu Piauiense, até 1982, professor de Geografia na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI)⁵ a partir de 1962, e professor de Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) de 1971 a 1991.

Observando o currículo de João Gabriel Baptista, logo notamos que este não tinha uma formação para o magistério, visto que havia se formado em Bacharelado em Engenharia Civil.

⁵ De acordo com Araújo (2013) Dom Avelar Brandão Vilela, em 1957, fundou a Sociedade Piauiense de Cultura, entidade destinada a instituir, dirigir e manter instituições de ensino superior no Piauí, seguindo a postura adotada pela Igreja Católica no restante do Brasil no tocante ao incentivo à educação (CARVALHO, 2010), da qual torna-se presidente. Assim, a FAFI surgiu em 1958 através da atuação de políticos e intelectuais locais que integravam essa entidade, com destaque a figura do Arcebispo de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela, tendo seu início efetivo com o vestibular para quatro cursos: Letras Neolatinas, Geografia, História e Filosofia e a partir de 1969 oferecendo também os cursos de Matemática e Física. Segundo Araújo (2013) a Faculdade funcionou inicialmente no Colégio Sagrado Coração de Jesus, tendo ocupado posteriormente um prédio em frente à Praça Saraiva, localizada no centro de Teresina. Em 1971 foi agregada a Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI) e permaneceu em frente à Praça Saraiva até 1973 com a inauguração do Campus Ministro Petrônio Portela da Universidade Federal do Piauí (UFPI) na Zona Leste de Teresina. Conforme Araújo (2003) a FAFI tinha por objetivo a formação de docentes para atuação no ensino secundário do Piauí, tendo sua importância reconhecida para a educação no Piauí por políticos, intelectuais e jornalistas locais no período de seu funcionamento.

Contudo, é preciso lembrar que a época que marca a sua formação universitária, ou seja, os anos de 1940 a 1946, os cursos de Licenciatura ainda não eram tão comuns, muito menos entre as famílias de elite, como a de João Gabriel Baptista⁶.

Tornou-se, então, Engenheiro Civil, retornou a Teresina por insistência de seu pai e garantia de um emprego no Piauí por parte deste, mesmo com “[...] dezenas de ofertas de empregos no Rio, Salvador e Belém.” (O DIA, 1989). Tendo recebido uma promessa de emprego ao retornar ao Piauí, trabalha inicialmente no Serviço Nacional de Malária (1947 – 1953). Com relação a este acontecimento de sua vida, João Gabriel Baptista disse o seguinte, em entrevista ao Jornal O DIA, em 1989:

Eu não aceitei por insistência do meu pai que me pediu para ficar no Piauí. Nós éramos dois filhos e não vivíamos com a família. Eu disse que só ficava se conseguisse arrumar um emprego. Meu pai, Ernesto José Baptista, que era presidente do Tribunal de Justiça do Estado, conseguiu uma vaga no Serviço Nacional de Malária, como Engenheiro Chefe da Seção de Hidrografia. (BAPTISTA, 1989, p.1)

⁶ Filho do Desembargador Ernesto José Baptista (1873 – 1965), que por sua vez, era filho do Desembargador João Gabriel Baptista (1851 – 1919) (GONÇALVES, 1997), figuras proeminentes e de relevância na sociedade piauiense durante a época em que viveram. Ressalta-se também que aqui estamos pensando as categorias de elites, no caso, elites culturais e intelectuais a partir da perspectiva de Sirinelli (1998). Neste sentido, compreendemos a problemática em torno do “homem de cultura” (SIRINELLI, 1998, p.261) e o seu pertencimento as elites, tanto no que se refere aos criadores, bem como os mediadores culturais. Considerando que, em sua perspectiva, os “criadores” seriam aqueles que contribuiriam com a “criação artística e literária ou no progresso do saber” (SIRINELLI, 1998, p.261) pode-se dizer que o Professor João Gabriel Baptista, personagem de investigação desta pesquisa, se insere nessa categoria, tendo em vista tanto a sua produção acadêmica como também a literária. Dito isto, é necessário ponderar também sobre o parâmetro que o vincularia a uma certa elite cultural historicamente estabelecida no Piauí. Segundo Sirinelli (1998) um dos possíveis aspectos a serem considerados para se vincular estes homens de cultura às elites seria a notoriedade, ou seja, a relevância da produção daquele sujeito, bem como a ressonância ou seu impacto na sociedade ao se pensar nos mediadores culturais. Estes elementos apenas, no entanto, não nos permitiriam inferir a inserção destes sujeitos nas elites existentes em suas sociedades. Para o autor, na medida em que esses personagens se inserem no campo da política, adquirindo voz na sociedade, principalmente em função de seus conhecimentos específicos em determinadas áreas, logo, figuras de autoridade, surge a categoria do “intelectual”. Além disso, não podemos pensar essas elites enquanto associações que existem fora de um contexto social, pelo contrário, estão conectadas a sociedade envolvente e é justamente sua conexão através da política que lhes confere uma coesão identitária, bem como poder e influência no interior do tecido social. Desta forma, pensar um sujeito enquanto um “intelectual” vai além de simplesmente considera-lo enquanto um produtor de conhecimento, é preciso perceber como este reverbera na sociedade, especialmente através dos laços políticos estabelecidos que lhe garantem a legitimidade necessária para essa ressonância. No caso do Professor João Gabriel Baptista é possível indicar estes elementos a partir não apenas de seu reconhecimento acadêmico por seus contemporâneos, mas também através das conexões políticas que lhe garantiram seus empregos, bem como a maneira que sua produção vai ressoar na sociedade, conforme apresentaremos ao longo do texto.

Através deste emprego, João Gabriel Baptista passa a ter mais contatos com aspectos da Geografia o que, provavelmente, termina levando-o a escrever sua tese e primeiro livro acadêmico, “Vulcões do Brasil”, para ingresso no Liceu Piauiense a partir de 1951, ministrando aulas de Geografia, Matemática e Física. Mas o que o teria levado a optar pelo magistério neste momento, principalmente considerando que continuava atuando e trabalhando enquanto Engenheiro? Sobre isto, sua filha, Maria do Socorro Baptista Barbosa em entrevista concedida disse o seguinte:

Primeiro porque ele dava aula de matemática por necessidade, né. Geografia era a paixão dele. É muito interessante isso porque ele era engenheiro, mas a grande paixão da vida dele era geografia do Piauí, né. Em termos de conhecimento era o que ele mais gostava de trabalhar, era o que ele realmente tinha, tinha um amor muito grande pelo estado, pelo rio Parnaíba e por ensinar sobre isso. Ele tinha um prazer muito grande de falar sobre isso, então, eu acredito mesmo. Ele, ele chegou algumas vezes a dizer que era muito melhor dar aula de geografia. Uma pessoa que tinha formação em engenharia e chegou a dar aula de todas as disciplinas do curso de Geografia, pelo menos as disciplinas da área física, mostra exatamente o amor que ele tinha por essa geografia, né. [...] Talvez questão econômica, talvez uma necessidade dele também, né, pessoal de ser professor, de passar aquilo que ele sabia porque engenheiro não dá aula, Marcus, normalmente, né. Engenheiro faz projetos faz plantas, né, fiscaliza obras. Não é isso? Não é professor e papai era professor nato! Ele gostava da sala de aula, então quando eu falo necessidade talvez tivesse um lado financeiro que eu não saberia dizer, mas com certeza tinha esse lado dele pessoal, tá. De ensinar alguma coisa que ele sabia e ele vai primeiro pra matemática porque era muito óbvio, ele era engenheiro, né. Engenheiro, matemática, né. Eu acho que tem muita relação, mas aí acho que ele se encontrou de fato foi como professor de Geografia na Universidade Federal. Não que ele não tenha sido um excelente engenheiro, né. Com certeza foi, mas ele foi melhor professor de geografia, eu acho. Isso é opinião pessoal minha de quem o via feliz com a sala de aula, entendeu? Feliz de chegar em casa e preparar aquelas aulas. A gente que é professor sabe que não é um trabalho fácil. Eu costumo dizer que o trabalho mais pesado que existe é o trabalho de um professor porque um pedreiro quando ele chega em casa depois de passar o dia todo levantando, levantando um muro, vamos supor ou uma parede de uma casa, ele chega, ele toma um banho, ele faz uma refeição, ele dorme. O professor, ele não dorme, porque ele tem que preparar aula, que corrigir prova, que elaborar prova, que corrigir trabalho, ele tem que se preocupar com um milhão de coisas antes de ter tempo pra dormir, então, assim é uma profissão que papai gostava, né. Ele realmente gostava de ser professor e dizem que ele era um professor muito exigente. (BARBOSA, 2019)

Através da memória de uma de suas filhas é interessante notar, então, como a construção desta Identidade de professor, perpassa a memória de sua infância, pois Maria do Socorro Baptista Barbosa nasceu em 1958, 3 anos após o início da carreira de João Gabriel no Magistério, transcorrendo até a sua vida adulta, visto que seu pai permanece no magistério até se aposentar em 1991, totalizando mais de 30 anos no exercício da profissão de professor.

Destaca-se, então, que João Gabriel Baptista já era professor quando Maria do Socorro Baptista Barbosa começa a ter suas primeiras lembranças sobre seu pai. Deve-se apontar também que, segundo Halbwachs (2006), a memória é uma reconstrução de algo que aconteceu a partir de experiências do sujeito no tempo o qual ele se encontra, ou seja, no tempo presente. Essa operação de reconstrução é possível a partir do diálogo estabelecido entre essa memória individual e a memória coletiva, construída ou reconstruída em outro momento e que termina por resvalar na memória individual. Desta forma,

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. [...] Um quadro não pode produzir totalmente sozinho uma lembrança precisa e pitoresca. Porém aqui, o quadro está repleto de reflexões pessoais, de lembranças familiares, e a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado. (HALBWACHS, 2006, p.71 e 73).

Sendo assim, para Halbwachs (2006) a memória individual é agasalhada pela memória coletiva. A memória individual traz em si a memória coletiva dos grupos nos quais o indivíduo encontra-se inserido. Essa memória é reconstruída, “[...] mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 2006, p.77).

Desse modo, a memória coletiva respalda a individual e esta só interessa à coletiva no que se refere ao que o coletivo quer lembrar. Neste sentido, a memória individual se apoia no coletivo, necessitando dela para existir.

Esses apontamentos se fazem necessários para entendermos, que para Maria do Socorro Baptista Barbosa, a construção da imagem de seu pai, enquanto professor, se opera desde o seu nascimento, assim, sua memória individual, principalmente deste momento, se constituiu também através da memória de seus pais, não apenas do que ela via, mas também do que o ouvia dizer.

Além disso, a própria escolha profissional de Maria do Socorro Baptista Barbosa, pelo curso de Licenciatura em Letras-Inglês, ou seja, pelo magistério, também pode ter influenciado positivamente e afetuosamente sua memória sobre não apenas a profissão de docente, mas como seu pai a percebia, ressaltado pela própria entrevistada ao comentar sobre a felicidade e necessidade que João Gabriel tinha de lecionar e também ao discorrer sobre o

labor que é o trabalho de professor, sendo necessário gostar deste para que se queira exercê-lo.

Deve-se ressaltar, também, que a Identidade de Professor em João Gabriel Baptista foi construída intrinsecamente ligada a Identidade de Pesquisador. Pode-se inferir isto considerando que, a partir do momento que este se torna professor do Liceu Piauiense em 1951 e, posteriormente, professor de Geografia da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI) em 1962, logo inicia suas pesquisas na área, especificamente sobre a Geografia do Piauí, e começa a publicá-las em jornais locais e, nas décadas seguintes, em livros. Sobre o início de seu trabalho na FAFI, João Gabriel Baptista, em entrevista ao jornal O DIA, expôs o seguinte:

Em 62, o professor Clemente Fortes⁷ da Faculdade de Filosofia do Piauí – FAFI, convidou-me para assumir a cadeira de Cartografia do curso de Geografia daquela faculdade. Fiquei na FAFI até 71, quando fui à disposição, sem ônus para o Estado, para a Universidade Federal do Piauí. Trabalhei no Liceu e na FUFPI até 82. Hoje sou professor titular do Departamento de Geografia e História do CCHL (Centro de Ciências Humanas e Letras). (BAPTISTA, 1989, p.1)

Não é à toa, então, que a partir de 1962 começa a publicar suas pesquisas sobre Geografia do Piauí em periódicos locais, posteriormente organizando-as e escrevendo livros inéditos sobre o Piauí. Na medida em que se torna professor universitário do curso de Geografia da FAFI, para que fosse capaz de exercer o ofício, faz-se necessário um olhar mais atento no âmbito acadêmico, bem como a realização de pesquisas para tanto.

Ainda sobre esta questão, Maria do Socorro Baptista Barbosa, sua filha, ao ser indagada sobre o motivo que o teria levado a começar a publicar no âmbito acadêmico, tanto nos periódicos locais, como também em livros, vincula sua Identidade de Professor a de Pesquisador ao afirmar o seguinte:

Olha, o porquê eu não saberia lhe dar uma resposta exata, mas eu acho que tinha muito a ver também com essa coisa de querer divulgar o próprio trabalho, né, de

⁷ De acordo com Melo (2006) Clemente Honório Parentes Fortes era bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí, sendo egresso da primeira turma em 1935. Foi também membro da Sociedade Piauiense de Cultura, juntamente a outros intelectuais da época, fundada por Dom Avelar Brandão Vilela, e um dos responsáveis pela idealização da FAFI, concretizada em 1958. Foi também Professor e Diretor desta, permanecendo na direção de 1958 até 1964 quando, por ocasião de sua saída para assumir a direção da Faculdade de Direito do Piauí, foi substituído pelo Padre Raimundo José Airemorais.

falar aquilo que ele tinha conhecimento porque ele tinha conhecimento demais. Muitos dos amigos de papai o chamavam de enciclopédia e não era à toa que o chamavam assim que o conhecimento de papai ia muito além da engenharia ou da geografia. Então eu acho que ele tinha essa necessidade também de falar daquilo que ele sabia, né. De divulgar, de escrever sobre isso. Ele gostava muito de escrever, escrever tava no sangue, né. Ele não escrevia apenas coisas acadêmicas, acho que você sabe disso. Ele escreveu muitos textos literários não publicados, infelizmente, mas assim, eu acho que era algo como se fosse o respirar pra ele também, o escrever fazia parte. Então se ele foi chamado: “Vamos escrever aqui.” “Vamos.”. Eu não posso lhe garantir exatamente o porquê. Dizer assim: “Ele escreveu por isso, por isso.”. Não, eu não saberia dizer. Eu sei que os textos acadêmicos que ele publicou de quase que didáticos na área de geografia foi uma necessidade dele de divulgar o que ele tinha pesquisado e também às vezes chamado por alguma editora, sei lá, alguém que o provocasse a fazer isso, mas alguns dos livros que ele escreveu eu tenho uma impressão que foi uma coisa muito dele, sabe? Essa coisa que vem de dentro mesmo. “Eu preciso. Eu tô fazendo essa pesquisa. Eu preciso escrever sobre isso. Eu preciso que as pessoas saibam sobre isso. Eu preciso publicar isso.”, tá? (BARBOSA, 2019)

Novamente, surge em seu discurso a “necessidade” que João Gabriel Baptista tinha não apenas de adquirir conhecimentos, mas também de divulgá-los, de escrever sobre suas pesquisas e falar sobre elas. Em sua memória, então, percebe-se a construção dessa Identidade de Professor em seu pai a medida que aponta esta “necessidade” pulsante que tinha, bem como a vinculação do Professor ao Pesquisador em sua persona.

Assim, João Gabriel Baptista publicou diversos artigos no Jornal Folha do Nordeste entre 1962 e 1963 em uma seção denominada de “Quando em quando”, normalmente escrevendo sobre diferentes aspectos relacionados a Geografia e História do Piauí, sobretudo a Geografia. Foram exemplos de suas publicações neste periódico e nessa seção específica: Uma questão de limites (FOLHA DO NORDESTE, 1962), Topônimos piauienses (FOLHA DO NORDESTE, 1962), Zona litigiosa (FOLHA DO NORDESTE, 1962), Os nomes do Parnaíba (FOLHA DO NORDESTE, 1962) no ano de 1962 e As nascentes do Parnaíba (FOLHA DO NORDESTE, 1963), Impressões de viagem (FOLHA DO NORDESTE, 1963), Ibiapaba (FOLHA DO NORDESTE, 1963) no ano de 1963.

A partir de 1966 começa a publicar no jornal O DIA, embora neste periódico suas publicações deixem de ser artigos e reduzam-se a Verbetes, ou seja, pequenos textos que busquem explicar de forma curta e inteligível sobre um determinado termo ou conceito, tendo publicado mais de 400 verbetes sobre a Geografia e História do Piauí ao longo do ano de 1966 no já citado veículo de comunicação piauiense. Sobre isto, diz o seguinte na edição de 26 de março de 1966 do Jornal O DIA, o qual publicava pela primeira vez seus verbetes:

Criamos esta pequena secção para trazer ao conhecimento dos leitores das cousas piauienses, nomes de nossa história, de nossa geografia e de nossos costumes, poucos conhecidos, assim, cada vez que a secção for publicada, citaremos cinco verbetes com seus significados e assinalaremos outros tantos para despertar a curiosidade. (BAPTISTA, 1966)

Desta maneira, corrobora com a narrativa de Maria do Socorro Baptista Barbosa, no sentido da “necessidade” que a professora afirma que seu pai, João Gabriel Baptista, tinha de não apenas divulgar as pesquisas que vinha realizando, mas também de falar sobre elas, contribuindo, assim, socialmente com o Piauí e atrelando-se a Identidade de Professor a de Pesquisador.

Publicou, ainda, a partir dos anos de 1970, os seguintes livros acadêmicos na área de Geografia, como também na área de História: Nascentes de um rio (1971), Resumo Corográfico do Estado do Piauí (1971), Geografia Física do Piauí (1975), Mapas Geohistóricos (1986), A Origem do Parnaíba (1987) e Etnohistória Indígena Piauiense (1994).

Destacamos, então, a publicação de Geografia Física do Piauí (1975) pela relevância que esta teve na vida acadêmica e pessoal de João Gabriel Baptista. De acordo com o jornal O DIA, em entrevista realizada com o professor em 1989, é a partir desta obra que este se torna membro da Academia Piauiense de Letras, tomando posse em 1978.

Conforme dito no início deste artigo, o ano de 1978 marca o ingresso de João Gabriel Baptista a Academia Piauiense de Letras. Cabe retomar, então, o que este disse em entrevista ao jornal O DIA em 1989 sobre o acontecimento. Segundo João Gabriel Baptista “Esse foi um dos maiores momentos de minha vida. Era um fato a entrada de um pesquisador na APL, ocupando a cadeira de um literato” (BAPTISTA, 1989, p.1).

Ressalta-se, a partir do trecho destacado, como João Gabriel Baptista evidencia não apenas sua Identidade enquanto Pesquisador, mas também enquanto Professor, visto que, ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional, ambas estiveram ligadas, conforme percebido no decorrer deste artigo.

No caso específico de seu ingresso na APL, ao mesmo tempo em que João Gabriel Baptista se afirma enquanto Pesquisador/Professor, indicando que o reconhecimento⁸ dado a

⁸ Podemos citar como exemplo deste reconhecimento o Professor José Camilo da Silveira Filho, reitor da UFPI em 1975 e membro da APL a partir de 1978, que faz a apresentação da obra Geografia Física do Piauí (1975) apontando-a enquanto a “[...] mais importante contribuição as nossas letras geográficas, preenchendo uma lacuna que há muito reclamava solução.” (SILVEIRA FILHO, 1974, não paginado). Além disso, o Professor Edson

ele em função disso e de sua contribuição social para o Piauí pelos acadêmicos da APL foi o que garantiu o seu ingresso nesta, este também nega uma possível vinculação de sua persona a de um Literato, uma vez, que através desta afirmação de Identidade, há também a negação de outra, ou seja, trata-se de uma afirmação de Diferença também. No momento em que ele se coloca enquanto Pesquisador/Professor, em que ele diz aquilo que ele é, ele também afirma aquilo que ele não é, no caso, ele nega uma Identidade de Literato, confirmada pelo próprio reconhecimento da APL.

Ele havia ingressado nesta última não por sua produção literária, mas sim por sua produção acadêmico-científica e não apenas ele, mas os próprios acadêmicos da entidade que representa essa Literatura no Estado do Piauí reconhecem isso. Considerando seu discurso percebe-se, então, como parte da construção de sua Identidade de Professor/Pesquisador é feita a partir do discurso da Diferença no sentido de entender que ele era um Pesquisador/Professor, portanto, não era um Literato.

É interessante destacar que João Gabriel Baptista escreveu 13 romances e 24 contos, entre 1939 e 1977⁹, conquanto nunca os tenha publicado. Ingressamos, então, no último questionamento deste artigo: Por que João Gabriel Baptista, mesmo tendo uma significativa produção literária, não se percebia enquanto Literato, utilizando o ingresso na APL para (re)afirmar sua Identidade enquanto Pesquisador/Professor e negar uma suposta Identidade de Literato piauiense? Questionada sobre o porquê de João Gabriel Baptista nunca ter publicado seus livros de literatura, Maria do Socorro Baptista Barbosa disse o seguinte:

Gayoso Castelo Branco Barbosa na apresentação do livro *Mapas Geohistóricos* (1986) também ressalta a contribuição que João Gabriel Baptista trazia com a obra naquele momento, enfatizando o preenchimento de uma lacuna ao se pensar os estudos da Geografia do Piauí. Em *Etno-História Indígena Piauiense*, no prefácio da segunda edição de 2009, o Professor Manoel Paulo Nunes, então presidente da APL, reforça a relevância das pesquisas de cunho geográfico e histórico sobre o Piauí realizadas por João Gabriel Baptista destacando todas as obras publicadas por ele, bem como a importância da presente obra, considerando-a enquanto uma das “mais significativas para a história piauiense.” (NUNES, 2009, p.8). Por fim, o livro *Indicações Geográficas e Temas em Foco* (2011) organizado pelos Professores Antonio Cardoso Façanha e Mário Ângelo de Meneses Sousa do Curso de Geografia da UFPI, com textos de 38 pesquisadores, sendo a maioria geógrafos, é dedicada a memória de João Gabriel Baptista, além de na apresentação os organizadores reforçarem que o livro em questão é uma homenagem ao Professor João Gabriel Baptista “[...] pelo conjunto de sua valiosa contribuição científica na geografia piauiense, reconhecendo que muito do que produzimos hoje pelos geógrafos, se deve aos caminhos abertos pelo Professor João Gabriel Baptista no meio acadêmico, mas principalmente pelo reconhecimento da ciência geográfica no entendimento do território piauiense.” (FAÇANHA; SOUSA, 2011, p.10).

⁹ O acesso aos manuscritos destas obras foi possível através do Acervo Pessoal da Família Baptista, particularmente de uma de suas filhas, Profa. Dra. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista, docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Rapaz, ele acreditava, ele achava que a escrita literária dele não tinha o mesmo valor que a escrita acadêmica, que a escrita didática-acadêmica. Eu discordo totalmente dele. Eu sou professora de Literatura, Crítica Literária, Doutora nessa área e posso afirmar com toda a segurança que meu pai tem textos absolutamente fantásticos e nos mais diversos gêneros, eu não sei se você chegou a ler, se você sabe disso, mas ele escreveu romances eróticos e muito eróticos mesmo, tá. Pra mim foi uma surpresa imensa quando eu vi. Ele escreveu romances no faroeste americano e americano porque o Brasil não teve faroeste, né? Não teve aquelas brigas de caubói e índio, então foi no faroeste americano. Eu acho que é uma inspiração talvez do faroeste italiano, não sei, que embora se passe também nos Estados Unidos é produzido por italianos, foi nesse sentido que eu disse. Ele escreveu romances de detetive muito inspirado talvez por Sir. Arthur Conan Doyle, por Edgar Allan Poe, por Agatha Christie. Ele gostava de ler esse tipo de texto e ele escreveu excelentes romances de detetive. Excelentes mesmo. No nível desses autores que eu citei. Contos de amor, contos não tão de amor assim. Enfim, uma variedade de gêneros que eu acho que valeriam a pena ser publicados. Eu acho um crime que a gente, que nós estejamos escondendo isso da sociedade, da comunidade. Porque são livros que valem a pena ser lidos, discutidos, estudados, analisados. Porque dão prazer na leitura. [...] Por que não publicar esses livros? Eu não sei. Eu acho que eles deveriam ser publicados. Eu sei que ele não achava que fossem tão bons, mas ele estava enganado. Tá aí uma coisa que eu posso dizer que meu pai estava enganado sem ofender meu pai, né? Pois é. (BARBOSA, 2019)

Desta forma, de acordo com sua filha, João Gabriel Baptista não se considerava um Literato por não perceber em sua escrita literária a mesma relevância de sua escrita acadêmica, algo que ela, enquanto professora com formação na área de Literatura, discorda veementemente, afirmando que a qualidade de sua escrita se equiparava, segundo ela, a nomes famosos da Literatura Estrangeira.

Aponta também que João Gabriel Baptista escreveu livros de Literatura em gêneros diversos, inspirado também pelas próprias leituras que fazia e que o interessavam, como romances eróticos¹⁰, faroeste americano, romances de detetive e contos de amor.

Dentre os livros que escreveu destacamos aqui os romances: Abre-se a Empanada (1940), Depois de cinco anos... (1940), Compra de um coração (1940), Conquista de um homem (1940), A Dama da Mantilha (1940), O Pagem da Condessa (1940), Mulher Proibida (1940), A Herança do Português (1940), Cinco Mulheres (1940), Eu amo a minha irmã (1941) O Anel e a Caveira (1957), Os dois Jins (1976) e O Senhor X... (1977).

¹⁰ Um exemplo que podemos citar desse gênero literário em sua escrita é o romance “Mulher Proibida” de 1940 que trata da história de um médico de São Paulo que estava de férias no Rio de Janeiro, conhece uma mulher casada no hotel em que estava hospedado e se apaixona por esta. A narrativa, então, gira em torno desse amor proibido entre ambos, tendo diversas cenas de romance e algumas de erotismo.

Além de acreditar que sua escrita literária não tivesse a mesma importância que sua escrita acadêmica, através da entrevista com sua filha Maria do Socorro Baptista Barbosa e seu filho Fernando Luís de Carvalho Baptista¹¹, percebe-se ainda mais dois motivos que, talvez, tenham lhe tirado o interesse de publicar estas obras ou mesmo de se perceber enquanto um Literato. De acordo com Maria do Socorro Baptista Barbosa, ainda respondendo sobre o porquê desta questão disse o seguinte:

[...] Isso eu não sei dizer, isso eu não sei dizer. Talvez porque o cunhado tenha sido considerado um dos melhores escritores piauienses de todos os tempos e ele sentisse que não fosse tão bom quanto, né? O. G. Rego de Carvalho era o cunhado dele, né? E o O. G. tem o nome muito grande, assim, né? Todo mundo elogia e talvez isso tenha influenciado papai a não publicar. Não saberia dizer. Não sei. Não sei. Porque eu já li muitos romances piauienses que eu gosto. O O. G. não é meu escritor favorito. Não é porque ele é meu tio que ele é meu escritor favorito. Tem um romance dele que eu gosto imensamente que é o “Ulisses entre o amor e a morte”, mas não é, ele não é meu autor favorito. Meu autor piauiense favorito sem sombra de dúvida é uma garota chamada Reizimar Muniz, poeta, né. E como romancista é Alvina Gameiro, sabe? Acima de tudo. Ela inclusive é muito melhor do que muitos escritores desses que eu leio por aí na vida afora, tá? Melhor do que Graciliano Ramos, que Guimarães Rosa. Quem me ouvir vai ficar ofendido, mas que fica ofendido, eu continuo dizendo que Alvina Gameiro é melhor e papai não ficava devendo nada a essas pessoas. Eu não sei realmente por que que ele achava que não merecia publicar. Porque os livros dele são muito bons. São muito bons. Ele datilografava, ele ilustrava, eu não sei por que que ele nunca publicou. Eu não sei se foi dificuldade financeira, se foi simplesmente porque ele achava que não merecia, eu não sei. Eu acho que ele deveria ter publicado e eu acho que nós, filhos, deveríamos publicar. Infelizmente não estão aqui comigo pra eu tomar essa decisão sozinha. (BARBOSA, 2019)

Fernando Luís de Carvalho Baptista, acerca do mesmo questionamento, traz também outra dimensão para a questão ao dizer o motivo que levou João Gabriel Baptista a escrever suas obras literárias, comentando o seguinte: “[...] ele me disse uma vez e acho que disse pra tua mãe também que aqueles livros ele escrevia pra ele ter prazer em ler. Que ele escrevia, passava um tempão acolá e depois ele ia ler de novo, que ele não lembrava mais, ia ler de novo, só por prazer.” (BAPTISTA, 2019).

Pode-se dizer que João Gabriel Baptista não escreveu Literatura com o interesse de publicar, mas sim por uma questão pessoal, para entretenimento próprio. Além disso, retomando a questão do valor de sua escrita literária, deve-se considerar outra questão: os

¹¹ Nascido 28 de maio de 1957, é o quarto filho de João Gabriel Baptista. Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Piauí. Aposentado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Piauí.

Literatos contemporâneos a João Gabriel Baptista. Estes sendo H. Dobal, Assis Brasil e, principalmente, seu cunhado, O. G. Rego de Carvalho, dentre outros.

Embora Maria do Socorro Baptista Barbosa não possa afirmar com certeza se o fato de O. G. Rego de Carvalho ser o cunhado de João Gabriel Baptista, além de ter “sido considerado um dos melhores escritores piauienses de todos os tempos” (BARBOSA, 2019) tenha influenciado na decisão deste último de não publicar suas obras literárias, levando em conta a possibilidade que não considerasse sua escrita tão boa quanto, não seria impossível sugerir que, talvez, João Gabriel Baptista, avaliasse que suas obras literárias estivessem fora de um cânone¹² literário piauiense daquele início da segunda metade do século XX.

Tendo em vista que O. G. Rego de Carvalho era seu cunhado, talvez a diferença entre a sua escrita e a da geração literária da qual o primeiro fez parte na segunda metade do século XX, tenha favorecido essa percepção de João Gabriel Baptista de não ser um Literato ou de escrever uma Literatura que não tivesse o mesmo valor que a de seus contemporâneos, principalmente considerando a diferença entre os gêneros literários abordados pela Geração Meridiano¹³, como O. G. Rego, Assis Brasil e H. Dobal, ao se comparar com João Gabriel Baptista.

João Gabriel Baptista, então, imortalizado enquanto “Professor João Gabriel Baptista”, construiu diversas Identidades ao longo de sua vida, tendo sido marcado, principalmente pela de “Professor” e “Pesquisador” em detrimento a de “Literato”. Em nossa análise, suas afirmações de Identidade de Professor/Pesquisador reforçam-se à medida que este ingressa na APL e, assim, nega-se uma suposta Identidade de Literato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹² Utilizamos aqui a perspectiva de Deleuze e Guattari (2003) ao apontar diversos elementos literários na obra de Kafka, elencando os motivos pelos quais a Literatura deste não se inseria em um “padrão” da escrita da época, estando a sua margem, e tornando-se, assim, uma “Literatura menor”. Trata-se de uma literatura produzida no interior de uma “Literatura de Mestres” e que se diferencia completamente desta. No entanto, deve-se salientar que os aspectos que, talvez, possam sugerir que a escrita literária de João Gabriel Baptista possa ser percebida enquanto uma “Literatura menor” são distintos daqueles ressaltados por Deleuze e Guattari (2003) quanto a Kafka, tendo em vista os diferentes contextos e experiências dos autores.

¹³ De acordo com Moura (2013b) a Geração Meridiano surgiu em Teresina no final da década de 1940 tanto na redação de jornais, como também através de associações literárias. O nome se dá em função da fundação da Revista Meridiano por O. G. Rego de Carvalho, M. Paulo Nunes e H. Dobal nesta época e tendo seu fim ainda nos anos 1950. Ficcionistas e poetas escreveram sobre temas diversos, como tragédia, regionalismo, dentre outros.

Desta maneira, a percepção em torno da possibilidade de uma essência da Identidade de um sujeito é algo problemático, considerando as maneiras como as Identidades são construídas e reconstruídas ao longo do tempo. No caso de João Gabriel Baptista, a ideia de que este “sempre” gostou de lecionar, embora tenha sido evidenciado durante as entrevistas com seus filhos, é notório que a construção de sua Identidade enquanto Professor se dá paulatinamente e em confluência com sua Identidade de Pesquisador a partir do momento que ingressa no quadro docente do Liceu Piauiense e, principalmente da FAFI, posteriormente da UFPI.

Além disso, sua inclusão na entidade máxima da Literatura Piauiense, a APL, em 1978 reforça suas Identidades de Professor/Pesquisador ao mesmo tempo em que afasta de si uma provável percepção de si enquanto Literato, na medida em que os acadêmicos o reconhecem a partir de sua relevância no âmbito acadêmico.

É interessante destacar ainda que exercer um ofício não significa dizer que você se identifica com este, conforme nos lembra Bauman (2005). João Gabriel Baptista, mesmo tendo escrito diversas obras literárias, ainda assim não assumiu uma Identidade de Literato, tanto por motivos pessoais, como, talvez, por sentir que sua escrita não se inseria no cânone literário de seu tempo.

Por fim, refletir sobre a fabricação de Identidades e de Não Identidades pelos sujeitos torna-se um, dentre muitos elementos, que podemos utilizar para se pensar acerca de um determinado indivíduo, sobre suas trajetórias de vida e sobre sua biografia. João Gabriel Baptista foi um sujeito complexo, de muitas Identidades e se imortalizou perante a sociedade piauiense enquanto “Professor João Gabriel Baptista”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucélia Nárjera de. **Tecendo Narrativas: vivências estudantis na FAFI e UFPI durante a Ditadura Militar**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

BARBOSA, Edson Gayoso Castelo Branco. Apresentação. In: BAPTISTA, João Gabriel. *Mapas geohistóricos do Piauí*. Teresina: Projeto Petrônio Portela/COMEPI, 1986. p. 1 – 2.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183 – 191.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Dom Avelar Brandão Vilela**: uma biografia histórica. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: para literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

FAÇANHA, Antônio Cardoso; SOUSA, Mário Ângelo de Meneses. Apresentação. *In*: _____. (org.). *Indicações Geográficas e temas em foco*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 10.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Grande Dicionário histórico-biográfico piauiense 1549-1997**. Teresina: [s.n.], 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **História Oral e Pesquisa Sociológica**: a experiência do ceru. São Paulo: Humanitas Publicações, 1998.

LORIGA, Sabrina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Antônio Maureni Vaz Verçosa de. **Os alicerces da Educação Superior no Piauí**: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930 - 1970). 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. O impacto cultural da Academia Piauiense de Letras para os intelectuais do Piauí no século XX. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais** [...]. Natal: ANPUH, 2013a. p. 1-15.

MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2013b.

NUNES, Manoel Paulo. Uma raça extinga: prefácio da 2ª edição. In: BAPTISTA, João Gabriel. *Etnohistória indígena piauiense*. 2 ed. Teresina: APL/FUNDAC/DETRAN, 2009. (Coleção Grandes Temas, v. 2). p. 7 – 8.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.

SILVEIRA FILHO, José Camilo da. Apresentação. In: BAPTISTA, João Gabriel. *Geografia Física do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1975.

SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259 - 279.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.7-72.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 10 mar. 1962.

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 2 jun. 1962.

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 1 jul. 1962.

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 26 ago. 1962

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 8 ago. 1963.

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 25 ago. 1963.

FOLHA DO NORDESTE, Teresina, 13 out. 1963.

O DIA, ano 15, n.1808, Teresina, 26 mar. 1966.

O DIA, ano 38, Caderno 2, p.1, Teresina, 21 out. 1989.

FONTES ORAIS

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BARBOSA, Maria de Socorro Baptista. **Maria de Socorro Baptista Barbosa**: depoimento [jun. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Skype. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.

BAPTISTA, Fernando Luís de Carvalho. **Fernando Luís de Carvalho Baptista**: depoimento [jun. 2019]. Entrevistador: Marcus Pierre de Carvalho Baptista. Teresina, 2019. Gravador Digital. Entrevista concedida a Marcus Pierre de Carvalho Baptista.